

I CAN'T GET NO SATISFACTION: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica¹

I CAN'T GET NO SATISFACTION: the women insatisfaction in the new symbolic order

Tania Coelho dos Santos

Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise, Pós-doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII, professora Associada IV do Programa de Pós-Graduação em teoria Psicanalítica da UFRJ, Bolsista 1C de Produtividade Científica do CNPq, Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de orientação lacaniana e Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Psychoanalyst Member of the École de La Cause Freudienne (School of the Freudian Cause), of the EBP Brazilian School of Psychoanalysis and the World Association of Psychoanalysis, Post-doctor at the Department of Psychoanalysis of Paris VIII, Associate professor IV at the of Psychoanalytical Theory Program for Graduated at the UFRJ, scholar-ship of scientific productivity owner by the CNPq, President of the Sephora Institute of Teaching and Research of Lacanian orientation and Member of the University-related association for the research in fundamental psychopathology.

Resumo: A questão que me conduziu a escrever este trabalho é a de como articular a singularidade do *sinthoma*, o gozo do Um do significante - em seu caráter de exceção absoluta com o sintoma tipicamente feminino de insatisfação. Como é que a lógica universal da sexuação feminina – que é não-toda submetida ao gozo fálico - enoda-se ao sintoma particular da insatisfação, ao mesmo tempo que somente pode ser experimentada como um acontecimento de corpo em sua singularidade única, em seu caráter absoluto de exceção? Por meio da distinção entre a fala e o escrito, abordo a insatisfação como experiência de divisão subjetiva, mas também como um escrito que revela a face de gozo com o real sem lei da letra privada de sentido.

Palavras chave: feminilidade, insatisfação, desejo, gozo, fala e escrito

Abstract: The issue that has led me to write this paper was the articulation between the singularity of the *symptom* and the enjoyment of the of the significant's One – as to his title of absolute exception- with the symptom, typically feminine, of insatisfaction. How does the universal logic of the feminine sexuation process – that isn't, all of which, submitted to the phallic enjoyment – wrap itself around the particular symptom of insatisfaction, at the same time that it can only be experienced as an event regarding the body, involving its unique singularity in its title of absolute exception? Based on the distinction between spoken and written word, I approach the insatisfaction as an experience of subjective division but, also, as something written, that reveals the no law real face of the enjoyment, of the non sense letter.

Key-words: femininity, insatisfaction, desire and enjoyment, spoken and written word

¹ Artigo produzido no contexto da pesquisa financiada pelo CNPq: Intervenções do analista na clínica do Real.

A insatisfação histérica, desde o momento da formalização lacaniana da teoria do desejo inconsciente, não pode mais ser concebida mais um sintoma eliminável. O desejo redefinido por Lacan como falta-a-ser, é estruturalmente idêntico à neurose de transferência, pois é desejo do Outro, o sujeito suposto saber. Portanto é um resto do processo analítico. Neste momento do ensino de Lacan caberia até elevar a insatisfação histérica à categoria dos sintomas incuráveis. A promoção do axioma de que “não há relação sexual, em seu último ensino, nos convida a substituir a concepção do sujeito de desejo como falta-a-ser pela do ser falante que goza do furo. Eu formularia assim esta mudança de perspectiva: o avesso da insatisfação sintomática do desejo é o gozo sinthomático, cuja fonte é um acontecimento de corpo – definido como substância gozante - que antecede logicamente o sentido. A questão que me conduziu a escrever este trabalho é a de como articular a singularidade do sinthoma, o gozo do Um do significante - em seu caráter de exceção absoluta² - com o sintoma tipicamente feminino de insatisfação. Como é que a lógica universal da sexuação feminina – que é não-toda submetida ao gozo fálico - enoda-se ao sintoma particular da insatisfação, ao mesmo tempo que somente pode ser experimentada como um acontecimento de corpo em sua singularidade única, em seu caráter absoluto de exceção?

Segundo Freud, do ponto de vista pulsional, uma análise nunca é completamente terminada, sempre deixa restos sintomáticos³. Ao introduzir a necessidade de um princípio mais além do princípio do prazer, a pulsão de morte, Freud nomeou o impasse entre o excesso pulsional e os poderes da interpretação. Com a invenção do Real, Lacan (1975-76/ 2007, p. 126-128) deslocou este impasse do terreno da energética para o campo da lógica onde o corpo e a linguagem ou, o sentido e a existência, se apresentam como dimensões irreduzíveis uma a outra. Pois, “ A pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível.

² A singularidade do sinthoma, em seu caráter de exceção absoluta, é o que ele tem de incomparável, na medida em que ele se define por ser aquilo que os outros não são.

³ De acordo com Miller (aula do dia 11 de maio de 2011) O Um persiste depois que o desejo é desinvestido, quando se percebe que o desejo é somente o desejo do Outro. Miller assim define o Um: “E este, tal como tomo aqui, é precisamente o nome do que Freud isolava como restos sintomáticos.”

Quer dizer que sempre que ele mostra a ponta do nariz, ele é impensável. Abordar este impossível não poderia constituir uma esperança, posto que é impensável, é a morte – e o fato da morte não poder ser pensada é o fundamento do real.” (Ibid.; p. 121)

Este artigo sobre o estatuto da insatisfação feminina no último ensino de Lacan foi elaborado a partir de uma apresentação acerca de um dos eixos propostos pela jornada da seção Minas da EBP em 2011, que nos convidava a refletir sobre as ressonâncias da interpretação frente ao silêncio da pulsão de morte. Sobre este tema, nos foi proposta a seguinte consideração:

“a interpretação, desde Freud, é um recurso que os analistas têm para fazer uma análise avançar para além das barreiras do que se permite dizer. Entretanto, já na clínica freudiana, uma força que se defende contra o restabelecimento e se apega à doença e ao sofrimento muitas vezes se fazia surda às interpretações. Trata-se, assim, de evidenciar quais ressonâncias tem a interpretação em contextos (cada vez mais atuais) em que o silêncio da pulsão de morte é capaz de, por exemplo, inibir a fala, exaltar as “atuações”, favorecer modos mortíferos de satisfação.”

Este parágrafo nos convida a abordar o tema da interpretação a partir de uma consideração clássica da segunda tópica freudiana, aquela que introduz o silêncio da compulsão à repetição (*Wiederholungsgang*), como o modo de satisfação (*Triebhaft*) por excelência da pulsão. É justamente graças a estas características que Freud nomeia o que há de mais pulsional na pulsão, como pulsão de morte. O pano de fundo da definição da pulsão como pulsão de morte, é o contraste com a pulsão amenizada, a pulsão sexual cujo circuito descreve uma via de contorno de seu verdadeiro alvo (*Zielgehemmt*). Face a esta distinção entre a pulsão sexual ou, pulsão de vida, e a pulsão de morte, eu definiria a interpretação freudiana como um recurso para introduzir a castração no circuito pulsional, isto é, o objetivo sexual. Mas, trata-se somente de obter um efeito de retardamento na visada da satisfação mortífera em jogo na compulsão à repetição autoerótica da pulsão de morte.

Depois de Lacan não deixamos jamais de articular a potência da interpretação com sua incidência no circuito pulsional. O dispositivo analítico é ele próprio um convite à fala, feito ao sujeito indiferenciado com o Outro que fala dele, preso, portanto a um circuito pulsional autoerótico. Trata-se de uma estratégia que visa provocar o amor de transferência, tal como foi definido por Lacan (1960-61/ 1991, p. 180), deslocando o analisando da posição de amado para a posição de amante. É um esforço para articular a fala em discurso, excluindo o gozo impossível. A interpretação é a estratégia do analista que visa introduzir o amor ao inconsciente – isto é, o desejo de saber e o gozo com o sentido – no lugar da vontade de gozar e não saber nada disso. Até onde esta estratégia pode alcançar êxito? Admitindo, por hipótese, que o gozo histórico com a insatisfação não seja eliminável, como intervém o analista sobre isso que é refratário a toda e qualquer interpretação?

Sobre os limites da interpretação analítica, Freud (1920/ 1976, p. 34-36), elenca alguns obstáculos: a inacessibilidade narcísica do analisando, a reação terapêutica negativa e o apego ao sintoma. Mais tarde, em (1937/ 1975, p. 284-287), reduz os obstáculos a um único: o rochedo das castração. Penso que se trata de uma definição mais precisa do apego ao sintoma. Homens e mulheres neuróticos repudiam a feminilidade (*Weiblichkeit*), termo freudiano que Lacan renomeou como gozo. Para um homem, a ameaça de castração, subjacente a toda relação com outro homem, seria insuperável. As mulheres, por sua vez, jamais renunciariam à reivindicação do falo. Freud (1925/ 1974, p. 254) nomeou três destinos do fracasso desta reivindicação do falo na vida psíquica das mulheres: a inibição masoquista, o complexo de masculinidade e a herança do útero.

Diferentemente de Freud, Lacan insistiu em situar a feminilidade mais além do falo. Sob a reivindicação do falo oculta-se muitas vezes a decepção com aquele que de direito deveria saber servir-se dele. Lacan (1958-1966/ 1998, p. 701) escreve: “Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro

que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial de sua feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser amada.”

Lacan (1971/2009, p. 33) afirma que a mulher não tem o falo mas, ela é o falo, pois se os sexos são equivalentes na dimensão do discurso são, entretanto, distintos na prova de verdade que a mulher representa para o homem. Ela está na posição de pontuar a equivalência entre o gozo e o semblante. O falo é o real do gozo sexual ou, dito de outro modo, o Nome do Pai, um semblante (Ibid.; p. 172). Com base nesta redefinição, como a arte de encarnar o falo para o homem e o resto sintomático tipicamente feminino da insatisfação se articulam? Isso diz respeito à existência do significante Um? Posso concluir que a mulher goza em dizer a verdade do homem, testemunhando ou negando a equivalência entre o gozo e o semblante? Se estas premissas são verdadeiras, então cada uma das três soluções femininas para o problema da castração não é exatamente uma forma de reivindicação do falo que ela não tem mas, ao contrário, é uma das maneiras de encarná-lo para o homem.

Argumento em defesa deste ponto de vista que na nova ordem simbólica, depois das mudanças sociais ocasionadas pelo feminismo, a incurável reivindicação feminina do falo, merece ser abordada pela nova via positiva – aberta pela teorização de Lacan - das modalidades de encarnação do falo. Explico. O direito ao trabalho extradoméstico e ao prazer na vida sexual legitimaram algumas das supostas reivindicações de “ter o falo” por parte da mulher. O complexo de masculinidade, que interpreto como uma identificação com a norma masculina, se impôs, em lugar do que Freud (1925/ 1974, p. 264) nomeou como os dois outros destinos para a sexualidade pós-edípica feminina: a inibição masoquista e a herança do útero. Demonstrei (2001, p. 27-96) que a crítica à inibição neurótica foi a maior alavanca da retórica feminista. Na nova ordem simbólica que acabava de nascer, a da igualdade entre os sexos, dizia-se que era preciso escolher entre a revolução sexual e o masoquismo, ou entre a insatisfação (complexo de masculinidade) e a inibição (masoquismo). O complexo de virilidade ou a norma fálica adquiriu

pleno direito de cidadania e as mulheres de hoje querem realizar-se no trabalho e ter prazer na vida sexual. Do ponto de vista estritamente freudiano: a verdadeira feminilidade é uma ambição impossível. Mas, a via aberta por Lacan (1971-72/ 2011, p. 46) nos indica que se a mulher é o falo, não-todas tem relação com a função fálica: “O que é esse não-todas? O que merece ser interrogado como estrutura. Com efeito, contrariamente à função da particular negativa, à saber, que existem algumas que não o são, é impossível extrair do não-todas uma tal afirmação. É reservado ao não-todas indicar que a mulher tem - em algum ponto - relação com a função fálica, e nada mais.” (tradução minha) A verdadeira feminilidade não é impossível, a relação das mulheres com a função fálica é apenas contingente.

Advogo que a “verdadeira feminilidade” em nosso tempo não é mais o semblante da maternidade como destino inevitável. Também entrou em desuso a inibição masoquista, de que se nutria o semblante da mulher dócil, submissa e abnegada. Estes semblantes – tão caros àquilo que chamamos de ordem simbólica tradicional foram duramente questionados pelo feminismo e pelo movimentos sociais de inspiração freudiana a favor da liberação sexual. Em minha experiência como analista verifico que as mulheres de hoje fazem assiduamente que outrora semblante de *garçon manqué*. A mascarada virilizante alcança talvez o efeito de acrescentar-lhes alguma coisa no esforço de encarnar o falo⁴. Como afirma Lacan (1971-72/ 2011, p. 16) esse pouco que falta para ser um menino, “pode facilmente ser considerado um êxito na medida em que nada impede que se lhe impute, a esta falta, um suplemento de feminilidade.” (tradução minha)

Isto é uma ordem?

O que entendemos como ordem simbólica? Faz sentido falar em “nova ordem simbólica”? Entendo por ordem simbólica, tudo que restou do mundo antigo como herança da visão de mundo cosmológica, isto é, da religião. Quando nos referimos em psicanálise à função

⁴ Em *Ou pire...* (aula de 19 de janeiro de 1972), Lacan reitera que o falo denota o poder de significação.

ordenadora do significante mestre Nome do Pai, pensamos a constituição do sujeito homem ou mulher, como dependente do complexo de castração (diferença sexual) e do complexo de Édipo (diferença geracional). Entendo que aquilo que convencionamos chamar de declínio da imago ou do Nome do Pai, tem relação com o lento desaparecimento da ordem simbólica religiosa judaico-cristã. Em lugar do mundo antigo cosmológico e finito - supostamente criado pela vontade de Deus - ergueu-se o universo infinito da ciência. Penso que uma “nova ordem simbólica” começa a esboçar-se com o advento da modernidade mas, seus efeitos mais radicais no campo do sujeito, devem muito aos movimentos sociais que emergiram com a revolução sexual, o feminismo e a difusão da psicanálise. Como é possível que a psicanálise tenha contribuído para fortalecer a idéia de que o sujeito constitui-se graças à função do Nome do Pai, ao mesmo tempo que trabalhou para dissolvê-la? É possível que a melhor resposta seja o axioma lacaniano: “dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência, talvez passe por um paradoxo” (LACAN, 1966/ 1998, p. 873).

Qual é o paradoxo do sujeito? Formulo como resposta que a interpretação psicanalítica do discurso do inconsciente – que é agenciado pelo significante mestre Nome do Pai - suspende os efeitos do recalçamento da fantasia masoquista do pai interditor. O analista faz semblante de pai que autoriza o desejo. A dissolução do fantasma do pai interditor provoca uma mutação no gozo e libera o desejo recalçado para deslocar-se metonimicamente ao sabor dos objetos substitutos. No lugar da identificação do sujeito ao significante-mestre do ideal, surge a determinação do desejo pelo objeto que o causa. Logo, a nova moral civilizada, pós-científica e pós-psicanalítica, é uma moral da liberdade sexual ou da liberdade de desejar. Em nome da liberdade de desejar, os semblantes masculinos e femininos - que foram tão caros à sociedade fundada no discurso religioso – hoje vacilam. O imaginário do amor ficou mais instável. E, principalmente, estamos todos mais expostos às causalidades do real. Liberado das amarras dos ideais paternos, o sujeito não encontra mais barreiras simbólicas tão rígidas contra deixar-se

consumir pela satisfação autoerótica. O núcleo incurável do sintoma – o real que Freud nomeou como pulsão de morte - talvez se revele hoje mais abertamente do que na ordem simbólica tradicional.

Na minha própria experiência analítica e muitas vezes nas análises de mulheres que conduzo, me deparo com a insuperável insatisfação feminina. Meus colegas analistas provavelmente perguntarão: seriam os homens menos insatisfeitos? Mesmo nos dias de hoje, na nova ordem simbólica, penso que sim. Os homens recorrem menos ao analista porém, quando o fazem, parecem mais orientados no campo da identificação por meio de um semblante e no campo do gozo por um objeto mais de gozar. Por esta razão são mais vulneráveis às modalidades do gozo mortífero do vício e da impostura. Freud circunscreveu este aspecto ressaltando o fenômeno comum da degradação na vida amorosa. Lacan (1958- 1966/ 1998, p. 702) por sua vez destaca que a *Verdrängung* (recalque) inerente ao desejo é muito mais acentuada nos homens do que nas mulheres. Do lado feminino, onde outrora prevalecia o semblante da esposa e mãe abnegada, hoje viceja a insatisfação do *garçon manqué*. Do mesmo modo, a criança já não se apresenta, necessariamente, como o objeto mais de gozar tipicamente feminino. Das mulheres de hoje se espera que diferenciem sua feminilidade da inibição masoquista (COELHO DOS SANTOS, 2001, p.55-96). Cresce na cultura aquilo que Freud nomeou como disposição à virilidade e diminuem tanto a disposição à obediência (inibição masoquista) quanto o êxtase da maternidade (herança do útero). Advogo a tese de que as mulheres de hoje não reivindicam o falo que elas não tem. Elas encarnam o falo fazendo semblante de mulheres sexualmente livres e economicamente independentes. Este ar de *garçon manqué*, como observei mais acima, lhes acrescenta um suplemento de feminilidade. Ao preço, talvez, de que no lugar do masoquismo feminino de que falava Freud, a insatisfação tenha se tornado o resto sintomático mais tipicamente feminino nos dias de hoje.

Sintoma e sinthoma femininos: ser o falo e ex-istir ao sentido

Sobre a insatisfação feminina, confronto três abordagens. A primeira é freudiana. O complexo de virilidade – modalidade da reivindicação do falo – é o que as torna insatisfeitas na vida. Freud (1925/ 1974, p. 264) acredita que a herança do útero é a melhor das três soluções. Essencialmente trata-se de obter do homem o consentimento em ser amado como um filho, além de obter o filho homem propriamente dito. Lacan (1962-63/ 2005, p. 221) não acredita tanto nesta tese e advoga que é porque o falo não pode realizar o encontro dos desejos que a mulher é levada a reivindicá-lo. O órgão sempre cede prematuramente. Porém, se o objeto enquanto resto tem a função de animar o desejo, a falta é a condição da satisfação. Goza-se com a privação.

Uma terceira abordagem da relação da mulher com o falo, pude deduzir da orientação lacaniana de Miller acerca do último ensino de Lacan. Se “não há relação sexual”, interpretar a insatisfação feminina como reivindicação fálica seria abordá-la ainda no registro ontológico do sentido religioso em jogo na ordem simbólica freudiana. Acredito que – coerentemente com o último ensino de Lacan e com a ordem simbólica contemporânea - a insatisfação deve ser tomada como uma resposta ao real da não relação sexual, um acontecimento de corpo que se repete sintomaticamente por meio das estratégias empregadas para encarnar o falo para um homem. Caprichosas, exigentes, cruéis, sedutoras ou muito críticas, as mulheres de hoje multiplicam os suplementos da falta que lhes permite encarnar o semblante de ser falo. Proponho que a desconstrução do semblante tradicional da esposa e mãe abnegada, deu lugar à mulher insatisfeita como encarnação do tipo ideal do sexo feminino na cultura contemporânea. Liberada da inibição masoquista – que era a consequência do recalamento da sexualidade na ordem simbólica edipiana - a insatisfação feminina prospera e se apresenta a céu aberto nos dias de hoje. A insatisfação é um sintoma singular incurável ou um semblante dominante? Defendo que se trata de um resto sintomático típico nos dias de hoje. Isto posto, a insatisfação feminina na clínica orientada para a singularidade, a exceção, o gozo do Um, não seria é um resto sintomático normal?

Eu me pergunto se a insatisfação não é uma manifestação legítima da vontade incurável de gozar com o real do sexo fora do sentido, isto é, uma prova da ex-istência do dizer ao sentido. Com certeza, a insatisfação é diferente da infelicidade na inibição, na encarnação da modéstia, na submissão e na privação do falo próprias ao tipo ideal de mulher na sociedade tradicional. A ruidosa insatisfação da mulher de hoje me parece a nova máscara do gozo silencioso da pulsão de morte. Melhor dizendo, a mulher insatisfeita presentifica o Real da castração do homem. Minha hipótese é a de que se trata do modo pelo qual a mulher de hoje goza de seu corpo falante como encarnação do falo simbólico. Lacan (1972-73/ 1983, p. 15) define o gozo autoerótico masculino como: “...o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do próprio órgão.” O gozo autoerótico feminino seria, por sua vez, o de *ser o falo*. Sobre o gozo da mulher Lacan (Ibid.; p.) avança o seguinte: “Que tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o de que dá testemunho a experiência analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que aponte com o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico”. No Seminário XX, a posição feminina equivale àquela do ser falante e que se define como a encarnação do gozo tagarela do bla-bla-bla, pois ela fala e não sabe o que diz.

Para concluir, ser o falo e ser falante são as traduções lacanianas da feminilidade (*Weiblichkeit*) freudiana, que não nos é mais, entretanto, apresentada como uma experiência de gozo impossível e sim contingente. O dispositivo analítico freudiano comanda que se “diga tudo...” mas o discurso analítico tal como Lacan o redefiniu institui o imperativo de que se diga “não importa o quê”. Nele, os homens que estruturalmente não gostam de falar, são convidados a fazerem a experiência do gozo feminino.

Por esta razão, depois da difusão da psicanálise na cultura, interpretar a insatisfação feminina como reivindicação do falo, não a inscreve simbolicamente como convém ao discurso analítico nos dias de hoje. A maior prova disso é que as conquistas feministas do século passado

que ofereceram à mulher “aquilo que ela supostamente desejava”, - isto é, os símbolos fálicos que a alçariam à dignidade da igualdade de condições com o homem - se a retiraram da inibição, não acalmaram, muito pelo contrário, sua insatisfação e sua tagarelice. Minha tese é a seguinte: ao silêncio sobre o gozo – do qual elas não dizem uma só palavra - é mascarado pelo sintoma de insatisfação ou, melhor dizendo, pela tagarelice. Gozo do Um, acontecimento de corpo, vontade de dizer, de falar e de ex-sistir ao sentido.

A intervenções do analista: a fala e a escrita

Em seu curso de orientação lacaniana (2010/2011 aula 15) Miller se pergunta sobre a intervenção do analista diante do que insiste como um resto sintomático. Propõe que é preciso desmamar (*sevrer*) o analisando do sentido. Deduzi de minha própria experiência do final de análise, que a insatisfação é um resto não interpretável. Ela pode ser reduzida, mas não pode ser eliminada. Não é do campo do sentido. O que esta experiência me permite deduzir sobre a potência da transferência, da interpretação e do ato do analista diante da persistente insatisfação das mulheres de hoje? Como julgar esta minha tese? Faço do vício virtude? Faço o elogio cínico de um resto sintomático? Ou sou suspeita de ensejar a dignificação sublimatória da expressão mais autêntica do sintoma feminino nos dias de hoje?

Freud (1920) explica o real incurável do sintoma como um efeito da insistência de um outro princípio, mais além do princípio do prazer. Deduz que é essa a causa da impotência da interpretação, da transferência negativa e da fixação ao gozo do sintoma. O fenômeno da resistência do eu evidencia o limite de uma suposta aliança terapêutica do analisando com o analista e conduz Freud (1923/ 1976, p. 64-76) a várias hipóteses acerca da fonte desta obscura vontade de fracasso. Algumas das nomeações mais conhecidas desse real irredutível da pulsão de morte são: a compulsão à repetição, o sentimento de culpa, a consciência moral inconsciente e o supereu. A teoria lacaniana da prevalência do simbólico sobre o imaginário e o real, define o simbólico como um princípio mais além do princípio do prazer. A insatisfação, deste ponto de

vista teórico, explica-se como a marca da falta fálica e escreve-se como um imperativo superegoico na histeria: uma reivindicação do falo e/ou uma recusa da castração. A insatisfação não seria senão a máscara maldita da pulsão de morte.

Em seu último ensino, diferentemente, Lacan advoga a autonomia dos registros - simbólico, real e imaginário - e nos ensina a pensar o *sinthoma* como a encarnação do tipo ideal de homem ou de mulher, isto é, uma fantasia, uma invenção do imaginário, lá onde a relação sexual não existe. Lacan (1971) ensina a ver a questão da sexuação por um novo ângulo, quando afirma que a mulher é a verdade do homem, cabendo a ela atestar a conjunção entre o semblante e o real. Essa leitura da feminilidade ressalta a função do julgamento da mulher na ficção da relação sexual. O homem *tem o falo* apenas na medida em que uma mulher o atesta. Essa abordagem abre uma nova interpretação da insatisfação como resto sintomático, que não precisa da hipótese freudiana da reivindicação fálica. Julgar, avaliar, submeter à crítica, não se contentar e também testemunhar, promover, enaltecer ou advogar em favor de causas possíveis e impossíveis são manifestações autenticamente femininas. Sugiro que é por esta razão que Lacan (1975-76/ 2007, p. 101) declara que a mulher é o *sinthoma* do homem. O que nos remete à lógica do não todo e à contingência do objeto a.

Acredito que se pode aplicar a este traço marcante do comportamento das mulheres a seguinte tese de Miller (2011, p. 55) para tratá-lo, é inútil retornar à análise para um novo ciclo. É melhor prolongar nossa prática para além do deciframento da verdade do sintoma, confrontando o sujeito diretamente com o real fora do sentido, em jogo no *sinthoma*. O real não se reduz ao inconsciente, sujeito suposto saber. A falta fálica é apenas uma interpretação - e talvez não seja a melhor - do real sem lei.

É melhor tomar o real como a vontade de dizer o impossível de dizer e não como pulsão de morte. Lacan (1959-60/ 1986, p. 259) faz deste vício (impossível de dizer), virtude (vontade de dizer), quando redefine a vontade de destruição pura da pulsão de morte como

vontade de recomeço com novos custos. A invenção do Real, no lugar da energética freudiana (1975-76/ 2007, p. 125-128), reafirma a potência criativa da causa, lá onde “não há relação sexual”. Deste ponto de vista, este sintoma histérico, a insatisfação, típico da nova ordem simbólica, é um autêntico *sinthoma*, isto é, uma escrita do real em jogo no sexo, “impossível de dizer”. O que não se pode dizer é a vontade de gozar e de ex-sistir ao sentido.

Bem dizer o desejo de ex-sistir aos sentidos nos exige saber ler. Miller ensina que saber ler é uma propriedade do analista que ele precisa transferir ao analisando. Argumenta que, embora a psicanálise parta da fala, seu referente é a escrita. Essa distância entre o que se ouve e o que se escreve, implica em redefinir a interpretação em psicanálise como leitura de um inconsciente que se apresenta como uma escrita. O passo epistêmico e clínico que Miller (2010/2011 aula numero XVI) nos propõe é o seguinte: ler o sintoma implica em privá-lo de sentido. Penso que posso demonstrar – com base na própria experiência de análise - como o desejo do analista pode advir, a partir da correta interpretação da insatisfação feminina, como um tratamento do gozo silencioso e indizível da pulsão.

O significante e a letra: o dizer e o calar

A insatisfação muitas vezes abriga-se nas fórmulas que enunciam um mandamento supererogoico. No meu caso particular, uma estrutura significante resume toda a minha neurose: “não venda a alma para o diabo”. Esta estrutura abre-se para uma multiplicidade de recordações, repetições e elaborações. Sobre esta injunção, posso dizer que se trata de uma espécie de nome de família. Ela me insere na linhagem, no contexto ou na *lalíngua* familiar. Para resumir, esta estrutura significante é uma interpretação particular, do Outro da família, da lei edipiana que interdita o gozo. Por conseguinte, ela alimenta o gozo histérico com o sintoma da insatisfação. Defino como insatisfação histórica, o sintoma de recusa em sujeitar-se a encarnar para um homem, o objeto causa do desejo.

Um outra formação revela o gozo silencioso subjacente ao sintoma e que se manifesta diretamente na experiência de angústia como pura divisão subjetiva. Ou seja, testemunha que para além do enredo edipiano e das ficções da castração, goza-se com o real fora do sentido. Para abordar o gozo, mais além da falta a ser, Miller (2010/2011) nos orienta a nos servirmos do último ensino de Lacan, de sua afirmação de que “Há do Um”. Trago como exemplo uma formação singular que se funda na homofonia da letra fora do sentido. Num certo sonho repetitivo sou jogada pelas ondas que se levantam de ambos os lados, entre dois mares. Só me foi possível ler essa escrita fora do sentido depois que percebi a homofonia entre duas fórmulas na língua francesa: *entre deux mers* e *entre deux mères*. No primeiro exemplo (não vender a alma para o diabo) a interpretação da reivindicação fálica é perfeitamente cabível. No segundo (entre deux mères/mers) trata-se de lalíngua no jogo espirituoso com a letra. De um lado está a insatisfação que se manifesta como experiência extrema de divisão subjetiva e de angústia. De outro, quando podemos ler o que está escrito, revela-se gozo com o real sem lei da letra privada de sentido. O sonho é um efeito puro da linguagem, é um trocadilho, uma maneira divertida de saber fazer com o Real sem sentido que nela se abriga.

Para concluir, não defendo o apego cínico à insatisfação nem faço o elogio sublimatório da falta à ser. Faço da leitura da escrita incurável da minha própria insatisfação uma abordagem do real que me permita intervir como analista, fazendo advir o desejo do analista, no tratamento das mulheres de hoje.

BIBLIOGRAFIA

Coelho dos Santos, Tania. Quem precisa de análise hoje? Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

_____. Lá onde o inconsciente falassério, o real morre de rir, In: *Opção Lacaniana*, numero 58, 2010, p. 147.

_____. A interpretação analítica do sinthoma. In: Nascimento, E. (org) Revista do Curso de Especialização da UFBA, 2009, p. 161-175.

_____. Do saber exposto ao saber suposto e retorno: ensino, pesquisa e transmissão da psicanálise. In: *Opção Lacaniana*, n. 54, 2009, p. 83-94.

_____. Sobre a clínica de orientação Lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro- sinthoma. In: *Agora (PPGTP/UFRJ)*, vol. XII, 2009, p. 9-26.

_____. El psicoanalista es um síntoma. Mediodicho. *Revista de Psicoanalysis de Córdoba/Argentina*, v. 34, 2008, p. 107-117.

_____. Sinthoma: a arte de encarnar e sublimar o próprio sexo in: Coutinho, M.A. e Mello, M. (ogs.) *Saber fazer com o real*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras/UERJ, 2008, p. 373-381.

Freud, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920) Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 14

_____. O Ego e o Id (1923) Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.13-85 (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 19

_____. Sexualidade feminina (1931) Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.259-282 (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 21

_____. Feminilidade (1933[1932]) Novas conferências introdutórias numero XXXIII Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 139-166 (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 22

_____. Análise Terminável e Interminável (1937) Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 239-287, (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, **vol.23**

Lacan, Jacques. A significação do falo (1958/1966), In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *O Seminário, Livro VII A ética da psicanálise* (1959/60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds., 1986

Lacan, J. *O Seminário Livro VIII A transferência* (1960-61) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Eds, 1991

_____. *O Seminário, livro X: A Angústia* (1962/63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds., 2005.

_____. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *A ciência e a verdade* (1966), In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *O Seminário, Livro XVIII: De um discurso que não é semblante* (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds., 2009.

_____. *Le Séminaire, Livre XIX ... ou pire* (1971/72) . Paris : Le Seuil, 2011.

_____. *O Seminário, Livro XXIII: O Sinthoma* (1975/76), Zahars Eds., Rio de Janeiro, 2007

Miller, Jacques-Allain. *Extimidad*, Paidós, 2010.

_____. *L'Être et L'Un, Cours d'orientation lacanienne*, 2010/2011.

_____. *Perspectivas dos Escritos e dos Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011.

_____. *Quand la cure s'arrête*, In : *Quarto*, Édité par l'École de Cause Freudienne – ACF Belgique, outubro de 2009, p. 10-15.

_____. *Lire un symptôme*, In : *Mental*, Revue Internationale de Psychanalyse, n. 26, p. 49-61.

Laurent, E. La passe: un pari contre le sujet supposé savoir, In : *Quarto*, Édité par l'École de Cause Freudienne – ACF Belgique, outubro de 2009, p. 28-35⁵.

Inserir Endereço:
